

DRAG KINGS: BRINCANDO COM OS GÊNEROS

Eliane Borges Berutti

O drag king, de uma certa forma, não expõe simplesmente os desejos ditos "anormais" ou "gêneros anormais", ele brinca com o que já é perverso no normal.

(HALBERSTAM; VOLCANO, 1999, p.152, tradução nossa)

Resumo: A discussão sobre drag kings serve de fio condutor ao questionamento da masculinidade, ao desconstruir o conceito rígido de virilidade desempenhada exclusivamente por homens, assim como ao acenar para a masculinidade exercida por mulheres. Para essa discussão, utilizo como fontes o livro de Halberstam e Volcano, assim como shows realizados na cidade de Nova Iorque. Brincar com os gêneros significa um avanço na sociedade patriarcal em busca de novas masculinidades ou, meramente, sublinha a repetição de um mesmo padrão em corpos de mulher?

Palavras-chave: *transgenders; drag kings; sexualidade.*

Este texto é produto de minha pesquisa de pós-doutorado, realizada na New York University (NYU) de setembro de 2001 a julho de 2002. O alvo dessa pesquisa foi a comunidade *transgender*, termo guarda-chuva usado para designar as pessoas que desafiam os papéis rígidos estabelecidos pelos gêneros. Entre a diversidade que compõe essa comunidade, gostaria de nomear os *drag kings* e *drag queens*, as travestis, as *butches*, os transexuais não-operados, pré-operados e pós-operados assim como outros tipos de indivíduos classificados por Kate Bornstein (1995) como "fora da lei do gênero". Elegi privilegiar neste texto a atuação dos *drag kings* o que permite discutir o conceito arraigado de masculinidade.

Escrito por Judith Halberstam e com fotos de Del LaGrace Volcano, *The Drag King Book* aponta, no primeiro capítulo, a dificuldade de conceituar o termo. Entre as inúmeras tentativas, cito a seguinte: "um *performer* que transforma a masculinidade em seu *show*" (HALBERSTAM; VOLCANO, 1999, p. 36, tradução nossa). Este *performer* pode ser uma mulher heterossexual que assume uma persona masculina apenas para fazer o *show*, uma *butch* que encontra uma forma de expressar sua masculinidade, ou até mesmo um homem *gay*. Cumpre ressaltar que o *drag king* não limita sua existência ao palco. Ele pode fazer uso apenas do palco para existir como também, ao inverso, fazer uso do *drag* para existir. Neste último caso, encontram-se algumas

butches que não estabelecem diferenças entre o palco e sua vida pessoal. É interessante comentar aqui que a ausência de uma definição precisa em relação ao *drag king* dificulta, por exemplo, o trabalho dos jurados em *shows* de competição. O que julgar – o esforço da transformação por que passa uma pessoa para representar um homem ou a masculinidade inata em algumas mulheres que não precisam se transformar, mas apenas ter um espaço longe da sociedade transfóbica para ser?

No dia 27 de fevereiro de 2002, participei do evento “Performing Gender: A conversation with Judith Halberstam and Drag King Dréd Gerestant”, organizado pelo Barnard Center for Research on Women. Judith Halberstam mencionou que o tema de sua palestra era “Perigos e prazeres da colaboração”, devido ao seu interesse na relação entre a academia e a subcultura. Ela questionou por que o/as acadêmico/as não se envolvem com questões subculturais. Halberstam também mencionou que naquele momento estava colaborando em um filme sobre *drag kings* e referiu-se à impossibilidade de fazer um filme documentário, uma vez que o cenário era falso. Do ponto de vista de Halberstam, os estudos *queer* desenvolveram-se em estudos culturais. Levando em consideração seu campo de pesquisa, ela considera o *drag king* um bom exemplo de participante subcultural. Cabe ao/à teórico/a, a seu ver, coletar material, produzir interpretação além do *mainstream*, e trabalhar como historiador/a para registrar a atuação do participante da subcultura.

A professora de Literatura da Universidade da Califórnia assinalou em sua palestra que as transformações de gêne-

ro na história coincidem com o surgimento de *male impersonators*, e citou, como exemplo, a época vitoriana e os anos 20. Halberstam localiza os *drag kings* nos anos 90 e os associa às pessoas brancas. Ela enfatizou que não relaciona os *drag kings* aos FTM (*Female-to-male transsexuals*), mas sim à comunidade lésbica. Cabe lembrar aqui que os próprios transexuais avaliam os *drag kings* como uma humilhação para a sua comunidade por tratarem, de forma lúdica, a questão do gênero. De acordo com Halberstam, os *drag kings* capturam tanto a potencialidade como a probabilidade da juventude. Com essa ênfase dada à juventude, posteriormente tive a oportunidade de verificar sua observação tanto no livro escrito por ela como nos *shows* a que assisti. Examinando atentamente as fotos tiradas por Del LaGrace Volcano no livro acima mencionado, pude constatar que os *drag kings* são interpretados por mulheres jovens ou são jovens *butches*.

Esse evento intitulado “uma conversa” estaria incompleto sem a presença de um *drag king* para dialogar com a professora da Universidade da Califórnia. Sem sombra de dúvida, a “conversa” entre Halberstam e Gerestant também poderia ser lida como o diálogo entre teoria e prática. Considerada como uma das *performers* mais inspiradas de Nova Iorque, Dréd Gerestant é cantora, atriz, modelo e “ilusionista de gênero”. A famosa *impersonator* afro-americana abriu sua fala com a afirmação: “É natural ser diferente”, seguida de um discurso em que defendeu a liberdade de gênero, assim como questionou os conceitos de masculinidade e feminilidade.

O que chamou a minha atenção na *performance* de Dréd foi sua capacidade de corporificar esse questionamento, ao desempenhar papéis masculinos, assim como femininos. Utilizando-se de perucas, roupas e acessórios apropriados, Dréd transforma-se em frente à platéia – o que também contribui, sob minha óptica, para esse questionamento. Ademais, Dréd admitiu em público que algumas pes-soas pensam que ela é MTF (*Male-to-female transsexual*). De fato, ela tem uma aparência andrógina, com seu corpo negro esbelto, rosto assexuado e cabeça raspada. Por conseguinte, ela é extremamente convincente quando representa tanto como homem quanto como mulher – ela tem *physique du rôle*. Desempenhando o papel de mulher, ela coloca uma peruca vermelha, usando apenas um sutiã vermelho de couro e *short* preto. Vestida desta forma, ela tira uma maçã de seu short e morde a fruta. “Toda vez que eu mordo a maçã estou reivindicando meu lado feminino”, ela afirmou orgulhosamente. Cabe, no entanto, ressaltar uma diferença. Quando ela representa ao som da música “A Natural Woman (You Make me Feel Like)”, interpretada por Aretha Franklin, ela atribui um significado diferente a essa música, já que “a mulher natural” é construída, passo a passo, na frente do público. Conseqüentemente, ela desconstrói, de forma lúdica, o conceito de “mulher natural”. No que diz respeito ao seu lado masculino, Dréd declarou em uma entrevista para *The Drag King Book*: “Quando estou em *drag* parece natural, porque eu tenho muita energia masculina” (HALBERSTAM; VOLCANO, 1999, p. 120, tradução nossa). Não surpreende, portanto, ela representar tão bem personagens como Marvin Gaye e Shatf. O público feminino reagiu com muito entusi-

asmo a essas *performances*, o que prova o poder do carisma sexual das mesmas. Ao observar seu *show*, tornou-se claro para mim que ela constrói e desconstrói ambos os gêneros com muita facilidade e habilidade. Sob meu ponto de vista, Dréd Gerestant consegue materializar o conceito de “fluidez dos gêneros”.

No dia 21 de junho, tive a oportunidade de assistir ao Sir Real’s “Reality Show” no WOW Café Theater, localizado no East Village. Os *drag kings* deste espaço já consagrado se reúnem com o objetivo de eleger o tema do mês e desenvolver seus *shows* em torno do tema escolhido. O do mês de junho foi “High School Romance”. A melhor *performance* do *show*, na minha opinião, foi a de Brandon Iron. Este *drag king*, personificado por uma aluna da NYU, vestia um chapéu de palha, botas e *jeans*. Ele tinha uma barba feita com maquiagem e uma mancha de batom em seu rosto. Indiscutivelmente, um dos mitos norte-americanos mais machistas é o do cowboy do oeste. Ao som de uma canção do oeste, Brandon Iron fazia trocadilhos sexuais com as expressões “*save a penny*” e “*ride a cowboy*”. Considero esta *performance* uma forma de desconstruir este mito, uma vez que Brandon Iron claramente “diz” para a público que masculinidade não é um privilégio dos homens.

A propósito, este é o ponto principal de outro livro da já citada Judith Halberstam. Em *Female Masculinity* (HALBERSTAM, 1998), a autora argumenta que a masculinidade existe sem os homens, ao convidar o/a leitor/a a separar o conceito de masculinidade do corpo masculino. É surpreendente observar a multiplicidade de expressões de gênero que variam de identidades pré-lésbicas às

performances de *drag kings*, incluindo a discussão sobre várias modalidades de masculinidade exercida por mulheres.

Gostaria também de acentuar no Reality Show a *performance* do apresentador. Sir Real deu início ao *show* vestido como uma *femme*, usando saia e blusa e uma peruca loira. Ao olhar para este *drag king*, tive um impacto, pois somente então pude entender o que já havia lido em alguns livros. Quando uma mulher masculina se veste como *femme*, em vez de parecer feminina, ela parece um homem *gay* em *drag*. Pois sua forte expressão de gênero prevalece, já que não pode ser suprimida por uma saia, cabelo longo e uso de batom. Por conseguinte, cheguei à conclusão de que não faz sentido nenhum o que a sociedade de consumo vem pregando. Nós, mulheres heterossexuais, não precisamos comprar roupas caras, maquiagem e acessórios com o objetivo de nos tornarmos femininas para, então, sermos o objeto do desejo masculino. Aprendi que a feminilidade não está localizada no exterior; ela é, ou não, a expressão de gênero de uma mulher. A feminilidade não pode ser adquirida através do uso de roupas ou de adereços ditos “femininos”. Ao longo do Reality Show, enquanto apresentava os *drag kings* e outros artistas performáticos, Sir Real ia tirando gradualmente seus itens femininos, até ficar reduzido à roupa íntima. Naquele momento, retirou o sutiã e pediu a uma pessoa da platéia para ajudá-lo a enrolar seu busto em papel celofane. Sir Real começou, também gradualmente entre as apresentações, a se vestir como um *drag king*, com calça *jeans* e camisa. A platéia pôde claramente visualizar o que é um *drag king* e como ele se prepara para a apresentação. Creio que ver este show me ensinou mais so-

bre *drag kings* do que provavelmente ler sobre eles.

Em “Curtain Call”, o último capítulo de *The Drag King Book*, Judith Halberstam estabelece diferenças entre as *performances* de *drag kings*, ao discutir a contribuição dos *impersonators* para este aspecto da subcultura:

Como tentei demonstrar neste livro, não existem relações essenciais entre ser uma pessoa masculina e representar como um *drag king*, mas existe alguma relação entre representar a masculinidade e diminuir os elos naturais entre masculinidade e homens. Quando *femmes* ou mulheres heterossexuais femininas representam como *drag kings*, elas experimentam o privilégio masculino negado no dia-a-dia, e produzem uma mistura *camp* de feminilidade e masculinidade. Quando *butches* representam como *drag kings*, elas criam uma nova masculinidade, em torno de suas masculinidades cuidadosamente cultivadas e tendem a criar efeitos de realidade e efeito masculino convincente. Quando *transgenders* representam como *drag kings*, separam completamente a masculinidade dos homens e até a virilidade dos homens. Até os *gays* têm representado como *drag kings* ultimamente e o efeito é mesclar uma masculinidade performática com as irregularidades e inconsistências de suas masculinidades ordinárias (HALBERSTAM; VOLCANO, 1999, p. 150-152, tradução nossa).

Quando li o anúncio seguinte sobre um evento do Womyn’s Herstory Month 2002 da NYU, concluí que era imprescindível para minha pesquisa – “Rapazes fiquem de fora: esta noite os *drag kings* vão ficar ultrapassados, quan-

do as damas tomarem o palco para uma noite de mulheres representando o gênero feminino". Eu já conhecia os *drag kings*, mas devo confessar que nunca havia ouvido falar em *Bio Queens*. Portanto, no dia 4 de março, fui assistir ao show "*Bio Queens Kick Ass: Women Performing the Feminine Gender*".

Ao chegar ao Ultra Violet Café, pude perceber que o público era essencialmente formado por mulheres: lésbicas, *butches*, *femmes*, lésbicas *punks*, *drag kings* e outras. Os *Mocktails* – drinques sem álcool – foram a única bebida servida no evento. Mas o que chamou minha atenção foram os bolos. Confeccionados pela firma Mastur Bakers, todos eles apresentavam a forma de um corpo de mulher e estavam enfileirados nas mesas. O primeiro bolo mostrava o sexo feminino visto de frente, e o segundo, as nádegas. O terceiro era um corpo de mulher das pernas ao seios, usando um corpete de renda. O quarto mostrava os seios e um pênis falso. Por último, o quinto bolo enfocava somente os seios.

A apresentadora Tristan Taormino explicou que "*bio queen*" é um termo derivado do movimento *transgender*. Nesse movimento, emprega-se a expressão "*bio man*" (*biological man*) e "*bio woman*" (*biological woman*), ou seja, uma pessoa que nasceu homem ou mulher, respectivamente, estabelecendo um contraste com "*trans man*" (*transgender man*) ou "*trans woman*" (*transgender woman*), isto é, uma pessoa que se tornou homem ou mulher ao fazer uso de cirurgia e/ou hormônios. Logo, o termo "*bio queen*" faz referência a uma mulher ou a uma pessoa que se identifica

como mulher e que brinca com os gêneros. A apresentadora acrescentou que "*bio queen*" teve sua origem na subcultura *drag king*.

Seguem as minhas observações gerais sobre as *performances* das *bio queens*. Em primeiro lugar, como foi anunciado, não havia homem no palco, somente mulheres. As *butches* ou *drag kings* representavam o papel dos homens. Ademais, observei que tanto as *bio queens* Summer's Eve e Kentucky Fried Woman e a Princesa Pornô eram gordas, com exceção da apresentadora – o que aponta para uma rebeldia em relação ao padrão estético vigente. Pude identificar que a maior parte das músicas era do famoso filme *queer Cabaret*. Na minha opinião, cumpre destacar três *performances*: a primeira, que eu intitularia de "A tirania da dieta", critica abertamente a necessidade imposta às mulheres de perderem peso para serem amadas ou desejadas por um homem. Na segunda *performance* a ser destacada, a *bio queen* desempenhou tanto o papel feminino como o masculino. Para mim foi fascinante ver uma mulher celebrar e criticar os dois papéis no mesmo show. Outra *performance* relevante que lidava com os rígidos papéis estabelecidos pelos gêneros foi apresentada ao som de uma música do filme *Cabaret*. Trata-se do clássico triângulo amoroso – um homem e duas mulheres. Entretanto, o papel do homem, assim como o das mulheres era desempenhado pelas mulheres, numa clara afirmação de lesbianismo. Da forma como li, considere o evento eminentemente político, ao desconstruir com humor e irreverência alguns arquétipos patriarcais. Ao final do show, entrei em contato com

Tristan Taormino, em busca de mais informação sobre as *bio queens*. A apresentadora gentilmente encaminhou-me por e-mail o seguinte documento:

Bio Queen Manifesto

Por Jessica Eve Humphrey, Kentucky Fried Woman, Tristan Taormino e Venus Envy

Esta é uma versão curta de uma carta-aberta originalmente escrita para a comunidade *drag king*, e apresentada em novembro de 2000 no plenário final de IDKE3 como uma forma de tratar da política de reconhecimento da performance de *bio queens* em espaços *drag*. Jay Sennett apoiou de forma extraordinária o ativismo *bio queen* durante a conferência, e generosamente nos cedeu tempo para apresentar a carta aos participantes da conferência. Nós gostaríamos de agradecer a ele publicamente.

Muitos dos envolvidos na crescente subcultura *drag king* podem não estar familiarizados com o termo "*bio queen*". Assim como acontece com muitas definições categóricas, não podemos oferecer um significado concreto e estável para o termo, nem estamos interessadas em criar um. Mas, devido à presente discussão, oferecemos o seguinte: *bio queens* são "mulheres biológicas" ou indivíduos que "se identificam como mulheres" que conscientemente desempenham gêneros "femininos" como um meio de engajamento, crítica, e/ou celebração. As performances de *bio queens* insistem que há muitas formas de representar o gênero que podem se parecer com a identidade de uma pessoa fora do palco, mas não estão automaticamente associadas a ela.

Temos grande apreço pela comunidade *drag king*; temos muito respeito pela importância de um espaço que se autodefine para as comunidades. Gostaríamos de oferecer dois exemplos das muitas formas de criar tais comunidades. Considere o Michigan Womyn's Music Festival: muitas das questões [...] decorrem da incapacidade dos organizadores de se engajar com a evolução da cultura. Por outro lado, várias organizações *queer* que começaram sob a rubrica de *gay* tornaram-se, com o passar do tempo, LGBTQIA. Essa evolução certamente traz suas próprias dificuldades, mas a luta cria uma comunidade mais forte, mais dinâmica, baseada em reconhecimento mútuo e respeito pela diferença. Considere o primeiro exemplo – a comunidade construída pela exclusão e definição rígida ("mulher nascida mulher"), e o segundo exemplo, construída pela inclusão e pela habilidade de evoluir junto com seus constituintes. Claramente, esta conferência é um exemplo do último caso.

Antes de continuar, gostaríamos de tratar de um argumento que ouvimos de uma forma ou de outra: se você não gosta daqui, vá começar seu próprio. Este argumento é freqüentemente dirigido contra aqueles que tem recursos limitados e, embora não estejamos reivindicando marginalidade em seu sentido histórico, pensamos que sempre devemos ser críticos em relação a argumentos baseados no sentimento "se você não gosta, vá embora". Não gostamos de ser colocadas em um gueto e recusamos essa posição desde o começo. Como *bio queens*, gostaríamos de afirmar nossa presença em performances *drag*. Nós declaramos que já somos membros vitais dessa comunidade, que não estamos pedindo por um espaço que já não seja nosso.

O *drag king* começou com uma definição simples: uma “mulher real” representando um “homem”. Sabemos que essa definição não funciona para muita/os de nós; muitos *kings* não se identificam como mulher ou feminino, mas sua *performance* de masculinidade no palco ainda é válida e apreciada. Durante essa conferência, ouvimos muitas pessoas falarem sobre o poder transgressor do *drag*. Ouvimos que a noção de *performance* de gênero é central para essa transgressão, e que o *drag* enfatiza que gênero é um ato performático. Independentemente de nossas identidades específicas de gênero fora do palco, o gênero é algo que pode ser e é representado no palco. Podemos ver o potencial e poder de *performances* feitas por *drag kings trans*; podemos permitir a indivíduos o direito de reivindicar suas identidades *transgender* e representar variações dessas identidades em *drag*. Portanto, precisamos abrir nossa definição de transgressor para incluir todas as *performances* de gênero.

Os quadradinhos que nossa cultura oferece, M(masculino) ou F(feminino), não funcionam para muito/as de nós. Muitas vezes julgamos que esses quadradinhos funcionam para as *femmes*, mas estamos errado/as. Quando as *bio queens* são excluídas das *performances drag* ou desvalorizadas, nossa forma de *performance* de gênero é invalidada. Como uma comunidade, precisamos pensar ativamente no que acontece quando uma pessoa não se identifica com o “M” ou o “F”, independentemente de como seu gênero é lido. Como nos engajamos umas com as outras como *drag performers* quando nós admitimos que os quadradinhos não funcionam para nós?

Drag é certamente um espetáculo e fonte de diversão, mas também é altamente político. Gostaríamos de começar um diálogo dentro de nossa comunidade com o intuito de empurrar nossas fronteiras e definições. Queremos construir pontes e dividir espaço com vocês, porque vocês são nossa comunidade e nós somos a sua (TAORMINO, 2002, tradução nossa).

Cabe tecer aqui alguns comentários sobre este documento, salientando alguns pontos que considero relevantes. Em primeiro lugar, ficou evidente o caráter político desse grupo de mulheres, em sentido restrito e amplo, que transforma em *show* sua visão de gênero. Como segmento da subcultura contemporânea norte-americana, as *Bio Queens* reivindicam um espaço não apenas no palco, mas também e, mais importante, na comunidade multifacetada que vai de encontro ao *mainstream*. O público que prestigia os *shows das bio queens*, assim como os dos *drag kings*, vai em busca de entretenimento, mas também de afirmação da sexualidade transgressora em um espaço público, como tive a oportunidade de constatar nos *shows* a que assisti. Diferente dos bares *gays* dirigidos pela Máfia nos anos 60, como era o caso do famoso Stonewall, esse espaço público foi ampliado no século XXI para lugares legalizados e oficiais, tais como uma universidade particular de prestígio.

Ademais, também acho necessário ressaltar as diferenças básicas e contraditórias do tratamento dado à crescente evolução dos grupos de minoria sexual, como é apontado no documento. Basicamente existem duas formas – a exclusão e a inclusão, conforme foram citadas no texto. A primeira teve como exemplo o caso do festival de música de Michigan,

GÊNERO

em que os organizadores barraram a entrada de mulheres *transgenders*, com a alegação de que o festival era destinado apenas às mulheres biológicas, já que assim interpretavam o significado do termo “mulher” no título do evento. A outra forma de tratar as diferenças existentes na comunidade é por meio da abertura a outros membros que não se identificam completamente com os do grupo de origem. Torna-se claro no documento a necessidade de integração das diferenças e não da fragmentação em diversos grupos subculturais.

Por fim, creio que o *bio Queen Manifesto* ajuda a responder à pergunta formulada no resumo deste texto: Brincar com os gêneros significa um avanço na sociedade patriarcal em busca de novas masculinidades ou, meramente, sublinha a repetição de um mesmo padrão em corpos de mulher? A resposta a esta pergunta traz em si um questionamento básico envolvendo as *butches*. Como podemos entender a masculinidade exercida pelas mulheres? Estariam essas mulheres biológicas, mas que se comportam social e sexualmente como os homens o fazem numa sociedade heterossexual, simplesmente imitando o comportamento dos homens? Ou, ao contrário, ao pensarmos assim estamos apenas atestando que somos produto da lavagem cerebral

exercida pela “heterossexualidade compulsória”¹ (RICH, 1993), uma vez que não admitimos a possibilidade de separação entre sexo biológico e gênero? Se admitirmos essa possibilidade, poderemos então trilhar o caminho da aceitação das diferentes minorias sexuais e até reconhecer o direito de uma mulher biológica exercer sua masculinidade de diferentes formas, como advoga Judith Halberstam. Pessoalmente, acredito que, ao assistir aos *shows* dos *drag kings* e das *bio queens*, mudei minha concepção em relação às mulheres não somente pelo que vi no palco, mas principalmente pelo que pude observar na platéia. Além do mais, ao pesquisar na NYU, também tive a oportunidade de conviver com muitas mulheres que expressam sua masculinidade sem constrangimento e sem pudor. Prefiro deixar a resposta definitiva à questão acima formulada a critério de cada leitor/a.

Finalizo este texto retomando a epígrafe: “O *drag king*, de uma certa forma, não expõe simplesmente os desejos ditos ‘anormais’ ou ‘gêneros anormais’, ele brinca com o que já é perverso no normal” (HALBERSTAM; VOLCANO, 1999, p. 152, tradução nossa). Não existem desejos “anormais” ou gêneros “anormais”. A perversidade existente reside no conceito de normalidade que restringe o gênero a apenas duas categorias.

Abstract: *The discussion of drag kings raises some questions about the issue of masculinity, not only deconstructing the rigid concept of virility played exclusively by men, but also highlighting female masculinity. For this discussion, I have used Halberstam and Volcano's book as well as shows performed in New York City. Playing with gender – is it an advance in patriarchal society in search of new masculinities or simply the repetition of the same pattern in female bodies?*

Keywords: *transgenders; drag kings; sexuality.*

Notas

¹ Expressão utilizada por Adrienne Rich em seu famoso ensaio "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence".

Referências

BORNSTEIN, K. *Gender outlaw: on men, women, and the rest of us*. New York: Vintage Books, 1995.

HALBERSTAM, J. *Female masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

HALBERSTAM, J.; VOLCANO, D. *The drag king book*. London: Serpent's Tail, 1999.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: ABELOVE, H.; BARALE, M.; HALPERIN, D. (Ed.) *The lesbian and gay studies reader*. New York: Routledge, 1993. p. 227-254.

TAORMINO, Tristan. *Bio queen manifesto* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ebb4@nyu.edu> em 2 jun. 2002.